

A GANGORRA DO AMOR: PARADOXOS E SINGULARIDADES EM DISCURSOS NA INSTITUIÇÃO MADA (MULHERES QUE AMAM DEMAIS ANÔNIMAS)¹

JULIANA BEN BRIZOLA DA SILVA*

Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS-UFSC)



*juliana.ben.brizola@gmail.com

Artículo de investigación recibido: 5 de marzo de 2018. Aprobado: 6 de julio de 2018

¹ Este artigo é resultado de parte da pesquisa desenvolvida no mestrado em Antropologia Social da UFSC, que resultou na dissertação “A gangorra do amor: gênero, saúde e emoções na instituição Mada”, orientada pela professora doutora Sônia W. Maluf e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior (Capes).

RESUMO

O presente trabalho resulta da pesquisa de campo realizada na instituição terapêutica

Mulheres que Amam Demais e se propõe a refletir sobre os paradoxos e as singularidades em discursos no contexto MADA. A falas das frequentadoras da instituição nos conduzem às experiências de sofrimento e superação vivenciadas por essas mulheres e também nos informam sobre a dinâmica de tratamento da MADA. O recorte de gênero da MADA e seu potencial terapêutico são aqui problematizados no sentido de perceber como, por um lado, o discurso institucional, com seus regimes de verdade, produz sujeitos que amam demais e, por outro, abre espaço para a emergência de outros discursos, que expressam as singularidades dos sujeitos em questão.

Palavras-chave: amor, Brasil, experiência, mulheres, gênero, grupos de ajuda mútua, instituição, singularidade, terapia.

EL BALANCÍN DEL AMOR: PARADOJAS Y SINGULARIDADES EN DISCURSOS EN LA INSTITUCIÓN MADA (MUJERES QUE AMAN DEMASIADO ANÓNIMAS)

RESUMEN

El presente trabajo es resultado de la investigación de campo realizada en la institución terapéutica Mujeres que Aman Demasiado Anónimas (MADA) y se propone pensar sobre las paradojas y las singularidades de los discursos en dicho contexto. Las palabras de las asistentes de la institución nos conducen a las experiencias de sufrimiento y superación vividas y también nos informan sobre la dinámica de tratamiento de MADA. El enfoque de género de la institución y su potencial terapéutico son problematizados aquí en el sentido de percibir cómo, por un lado, el discurso institucional, con sus regímenes de verdad, produce sujetos que aman demasiado y, por otro, abre espacio para la emergencia de otros discursos que expresan las singularidades de los sujetos en cuestión.

Palabras clave: amor, Brasil, experiencia, género, grupos de ayuda mutua, institución, mujeres, singularidad, terapia.

THE UPS AND DOWNS OF LOVE: PARADOXES AND SINGULARITIES OF DISCOURSES IN THE MADA (WOMEN WHO LOVE TOO MUCH ANONYMOUS) INSTITUTION

ABSTRACT

This article is the outcome of the field research I carried out in the therapeutic institution Women Who Love Too Much Anonymous (MADA). It reflects on the paradoxes and singularities of discourse in the MADA context. The words of the participants in institution meetings unveil the experiences of suffering and personal growth lived by these women, while they also inform about the dynamics of treatment at MADA. The article discusses the institution's gender perspective and its therapeutic potential. On the one hand, the institutional discourse, with its truth regimes, produces subjects that love too much, and, on the other hand, it opens up spaces for the emergence of alternative discourses that express the singularities of the subjects involved in MADA.

Keywords: love, Brazil, experience, gender, institution, love, mutual support groups, singularity, therapy, women.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a analisar diferentes discursos coexistentes na instituição Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA). As falas das frequentadoras da instituição nos conduzem às experiências de sofrimento e superação vivenciadas por essas mulheres e também nos informam sobre a dinâmica de tratamento da MADA. O recorte de gênero da instituição e seu potencial terapêutico são aqui problematizados no sentido de perceber como, por um lado, o discurso institucional, com seus regimes de verdade, produz sujeitos que amam demais e, por outro, abre espaço para a emergência de outros discursos, que expressam as singularidades dos sujeitos em questão.

A partir da escuta dos relatos das interlocutoras e da minha vivência em dois grupos MADA, na cidade de Curitiba (estado do Paraná, Brasil), busco analisar o modelo terapêutico da instituição e o modo como ele opera o duplo movimento de singularização e dessingularização da experiência. A experiência em campo tem evidenciado uma série de paradoxos que permeiam as questões de gênero e a dinâmica institucional, e se realizam na expressão das emoções das interlocutoras. Se, por um lado, a MADA conforma práticas e discursos ao propor um programa de tratamento baseado em regras fixas e rígidas, por outro, promove a autonomia e o autoconhecimento, abrindo espaço para diferentes formas de se viver a recuperação.

Este trabalho está inscrito no campo da antropologia da saúde e das emoções (Campos 2005; Goldemberg 1990; Procópio 2007; Silva 2008) e dos estudos interdisciplinares de gênero (Chodorow 1979; Ferreira 2012, 2016; Lagarde 2005; Olegário 2013; Sardenberg 2016) e dialoga com diversas áreas do conhecimento, como a filosofia (Foucault 1996; Deleuze 1974; Merleau-Ponty 1994), a psicologia social (Nunes 2011; Rolnik 2013) e a sociologia da saúde e das emoções (Bauman 2005; Giddens 1994; Ferreira 2012, 2016). A maior parte das pesquisas sobre a MADA —e sobre grupos de ajuda mútua em geral— parte de saberes da psicologia e da sociologia, havendo poucos trabalhos sobre a referida instituição na antropologia; dos últimos, a maior parte são trabalhos de graduação ou pesquisas curtas publicadas em anais de eventos. Assim, o desenvolvimento desta pesquisa foi o desbravar de um campo, e as conclusões aqui apresentadas nos trazem mais perguntas e caminhos para a investigação do que respostas assertivas ou teorias estabelecidas

sobre a temática. Algumas das perguntas que guiam este trabalho são: o que significa participar da MADA na perspectiva das mulheres que a frequentam? Quais elementos do discurso institucional conformam práticas e discursos e quais contribuem para uma singularização da experiência? Quais são os paradoxos da dinâmica de tratamento na MADA e como eles produzem diferentes efeitos nas trajetórias das interlocutoras na instituição?

No que concerne aos aspectos metodológicos, o presente trabalho resulta em uma etnografia, na qual a observação participante foi a principal técnica de pesquisa utilizada. A imersão em campo, durante cinco meses ininterruptos, me permitiu uma aproximação intensa da MADA e de suas frequentadoras, que extrapolou os encontros semanais. Além de frequentar as reuniões dos grupos, na cidade de Curitiba, de duas a três vezes por semana, participei de almoços, cafés e passeios no parque com algumas das minhas principais interlocutoras. Os diários de campo —em papel e digital— me acompanharam durante toda a pesquisa, tendo sido uma das principais fontes desta etnografia. As entrevistas individuais, realizadas no último mês do campo, foram gravadas na íntegra e transcritas posteriormente.

O QUE É A MADA E COMO ELA FUNCIONA?

Eu me surpreendo, se você perguntasse pra um homem o que ele acha que é o MADA talvez ele diria “é uma fofocaiada”, mas não, é um dos grupos [de ajuda mútua] mais silenciosos, que as pessoas respeitam, não tem muita intervenção, é um respeito solene da tua palavra, independente se você tá gaguejando, se você tá falando português claro, são seus cinco minutos de fama (risos) que você vai ser ouvida por aquelas mulheres que estão ali. [...] O MADA é especificamente um grupo de mulheres que se ajudam partilhando suas experiências e parando para ouvir as experiências das outras. Eu acho que essa é a via de mão dupla principal do MADA: falar e ouvir [...] O MADA é um lugar de encontro, um lugar não só de ficar bem, mas de lidar com as coisas, encarar [...] pra mim o MADA é um tratamento, é uma maneira de eu não me perder de mim mesma, de eu ter sempre um parâmetro. (Entrevista 1)

A MADA, na perspectiva das interlocutoras desta pesquisa —os nomes de todas as interlocutoras foram trocados para manter o anonimato—, é, ao mesmo tempo: um grupo de ajuda mútua formado apenas por mulheres, uma irmandade, um tratamento que visa à recuperação da dependência de relacionamentos, um lugar para compartilhar experiências, onde a fala e a escuta são “uma via de mão dupla”. Em determinados momentos, a MADA aparece como um espaço de encontros e de trocas situado, no qual se busca respeitar e valorizar a singularidade de cada sujeito; em outros momentos, figura como irmandade, na qual suas integrantes se reconhecem como servidoras, como “material humano” necessário ao funcionamento da instituição.

De acordo com o site oficial², a MADA é uma irmandade de mulheres, cujo objetivo principal é a recuperação da dependência de relacionamentos destrutivos, a partir do desenvolvimento de novas formas de se relacionar consigo mesma, com os outros e com as outras. Esse processo ocorre, principalmente, por meio da troca de experiências nos seus encontros. A dinâmica da recuperação consiste na prática do programa de 12 passos e 12 tradições (ver os doze passos e as doze tradições no item “Anexos”), adaptado dos Alcoólicos Anônimos (AA).

Os AA surgem nos Estados Unidos e são a primeira instituição do gênero autoajuda no mundo —gênero que hoje é também chamado de ajuda mútua—, tendo seu primeiro grupo formado no final da década 1930, no estado de Ohio. De acordo com os dados do site oficial³, o primeiro grupo AA formou-se no Brasil no final dos anos 1940 pela iniciativa do publicitário estadunidense Herbert L., que veio ao Rio de Janeiro para cumprir um contrato de três anos como diretor de arte numa grande companhia internacional de publicidade. Conta-se que Herbert frequentava o AA em Chicago, Estados Unidos, e, para manter sua sobriedade, resolveu criar o primeiro grupo AA no Brasil.

A instituição AA tem como principal objetivo recuperar pessoas que se reconhecem como alcoólicas, ou seja, que se identificam como dependentes da substância química conhecida como álcool. Para tanto, o AA incita seus participantes a frequentar as reuniões do grupo e a seguir os 12 passos e as 12 tradições, base de seu programa de recuperação.

² <https://grupomadabrasil.com.br/>

³ <http://www.aabr.com.br/>

Em linhas gerais, pode-se dizer que os 12 passos são as etapas que uma pessoa percorre —ou deve percorrer— ao longo de sua recuperação. As 12 tradições são os princípios e as regras que regem a instituição e que devem ser seguidos por todos. Nos grupos MADA pelos quais circulei, uma “quebra de tradição” era considerada algo grave, que deveria ser constantemente evitada. A dinâmica de tratamento e as regras da AA formam o modelo institucional a ser seguido por todos os grupos de ajuda mútua que surgem e que possuem em sua sigla o A de Anônimos.

Há uma compreensão compartilhada pelos membros de grupos de ajuda mútua de que não apenas substâncias químicas sejam passíveis de causar dependência nos sujeitos; estes podem tornar-se dependentes de sentimentos, pessoas ou de qualquer coisa que desencadeie uma obsessão ou compulsão. Assim, surgem grupos de Comedores Compulsivos Anônimos (CCA), Dependentes de Amor e Sexo Anônimos (DASA) e a MADA. Nessa perspectiva, formas de ser, pensar, agir e sentir que sejam geradoras de sofrimento recorrente e que tenham levado o sujeito a “perder o controle” sobre sua vida, são enquadradas como vícios, dependências ou adições. No caso da MADA, as participantes se reconhecem como dependentes de pessoas ou relacionamentos.

A MADA surge no Brasil a partir da iniciativa de uma mulher que se identificou com o livro *Mulheres que Amam Demais*, de Robin Norwood. Como muitas das personagens do livro, pacientes da terapeuta que escreve a obra, a mulher que formou o primeiro grupo MADA no Brasil era casada com um homem que frequentava a AA. A primeira reunião da instituição foi realizada em 16 de abril de 1994, no bairro Jardins, na cidade de São Paulo. Desde então, muitos grupos se formaram e, atualmente, funcionam 54 grupos no Brasil, em 25 municípios, distribuídos por 14 estados, com um total de 66 reuniões semanais.

Instituições e grupos similares à MADA existem em vários países da América do Sul e do mundo. Na Espanha, no México e no Equador funcionam grupos de *Mujeres Anónimas que aman demasiado* (Maqad). A instituição Maqad parece possuir a mesma estrutura e proposta da MADA, com o adicional de oferecer reuniões virtuais além das presenciais. No site do Maqad⁴, encontrei também chamadas para reuniões virtuais internacionais, das quais podem participar qualquer pessoa de qualquer

4 <https://mujeresqueamandemasiado.com/>

país. Não encontrei registros do surgimento do primeiro grupo Maqad, logo, não sei se é anterior ou posterior à MADA.

Na Argentina, foi fundado, em 1987, o grupo *Anónimas Mujeres Adictas a Personas* (Amap), com sede em Buenos Aires. De acordo com Carolina Ferreira, que frequentou reuniões do Amap para sua pesquisa de doutorado, esse grupo equivale à MADA, tendo inclusive inspirado a fundação da instituição brasileira (2012). Atualmente, funcionam dois grupos na Argentina, os dois na capital, Buenos Aires.

Na cidade de Curitiba, onde realizei esta pesquisa, funcionam três grupos MADA, localizados em bairros de classe média e classe média alta. Os encontros da MADA têm duas horas de duração e seguem um roteiro preestabelecido —padrão dentro dos grupos de ajuda mútua anônimos— que prevê cinco momentos: a oração inicial, a leitura do texto selecionado para aquela reunião, os comentários sobre o texto, os depoimentos pessoais, as orações finais. Eventualmente, há um sexto momento chamado de entrega da pulseira, que ocorre quando uma integrante manifesta o desejo de receber alguma das pulseiras que indicam o tempo em que ela está frequentando a instituição, que pode ser seis reuniões (pulseira de ingresso), um, dois ou três anos.

O texto selecionado para cada reunião é escolhido pela coordenadora do dia, porém deve estar de acordo com as seguintes diretrizes: ser um texto extraído da apostila de textos organizada pela MADA ou de algum dos livros aprovados pelo comitê de literatura dos grupos MADA Curitiba; ser um texto que esteja de acordo com o propósito daquela reunião, já que, previamente, nas “reuniões de serviço”, se determinam temas específicos para encontros específicos. Por exemplo, na primeira terça-feira do mês, estudam-se as tradições; na segunda terça-feira, os passos e, na última segunda-feira do mês, o livro *Mulheres que correm com os Lobos*, de Clarissa Pinkola. Embora exista uma autonomia dos grupos na escolha dos livros a serem trabalhados na instituição, percebe-se que há uma tendência à escolha de livros de autoajuda. Além do livro *Mulheres que Amam Demais Anônimas* (1985), nos grupos onde realizei esta pesquisa eram também lidos *Codependência nunca mais*, de Melody Beattie, *O vício de amar*, de Pia Mellody, *Isso não é amor*, de Patrick Carnes, entre outros.

Sempre que há uma “recém-chegada” nos encontros da MADA, abre-se um espaço, no retorno do intervalo, para que essa mulher fale como

descobriu a MADA e o que a trouxe até lá. Uma recém-chegada ou novata é uma mulher que está vindo ao grupo pela primeira vez. Contudo, consideram-se as seis reuniões como a primeira e aconselha-se que as novatas assistam a seis reuniões para se avaliarem como “madas” ou não.

A presença de uma recém-chegada costuma mobilizar as frequentadoras a mostrar com clareza o que é a MADA e como ela funciona. Há também um esforço para fazer com que aquela mulher se sinta acolhida e que siga frequentando as reuniões; nesse sentido, é comum que as frequentadoras se dirijam às recém-chegadas com as seguintes frases: “você é a pessoa mais importante desta reunião”, “continue voltando, o segredo está na próxima”, “continue voltando, mais lhe será revelado”.

Uma vez ao mês, fazem-se reuniões de serviço. Nessas reuniões, que ocorrem nos finais de semana e têm três horas de duração, debatem-se questões institucionais, como, por exemplo: arrecadação financeira, literatura MADA —inserções/exclusões de livros e também reformulações nas apostilas de textos—, escalas de serviço e estratégias de recuperação. Nas reuniões de serviço, são constantemente afirmados e reafirmados os compromissos das frequentadoras com a instituição.

O DISCURSO INSTITUCIONAL E OS DISCURSOS EMERGENTES: REGIMES DE VERDADE, PARADOXOS E SINGULARIDADES

Frequentadoras da MADA: perfis, identidades e singularidades no campo

Como já apontado por outros estudos (Peixoto e Heilborn 2016; Ferreira 2012; Silva 2008), as frequentadoras da MADA apresentam perfil social heterogêneo. Em um dos grupos, que se localiza num bairro tradicional da cidade, há um recorte de classe e raça visível: ali frequentam mulheres brancas, de classe média e média-alta. Porém, no outro grupo, localizado no centro da cidade, esse recorte é menos evidente. Ainda que a maioria das interlocutoras se encaixe no perfil citado acima —até porque boa parte das participantes circula pelos dois grupos—, há um considerável número de mulheres negras, assim como de mulheres de classe média-baixa (brancas e negras). No quesito idade, o perfil é bem diverso: há desde frequentadoras na faixa dos 20 anos até senhoras acima dos 60 anos. Contudo, as participantes mais frequentes encontram-se na faixa dos 35 aos 55 anos.

No que diz respeito à identidade de gênero e à orientação sexual, também se nota uma pluralidade. Embora as leituras que embasam o discurso institucional sejam heteronormativas, e a maior parte das participantes da MADA se identifique como mulher heterossexual, deparei-me com interlocutoras homossexuais, bissexuais, uma pessoa não binária e uma mulher transbissexual.

Durante os cinco meses de campo, circularam, aproximadamente, 50 mulheres pelos grupos MADA nos quais me inseri pra realizar a pesquisa; dessas 50, tive uma interlocução com 22 e uma proximidade maior com 15. Dessas 15, realizei entrevistas abertas semiestruturadas com nove, no último mês do campo. Das 22, dois terços formam o grupo que chamarei de “frequentadoras mais antigas”, que, além de frequentarem a MADA há mais tempo —de dois a dez anos—, têm um envolvimento maior com a instituição; o terço restante é formado por mulheres que estão de três meses há um ano e meio na MADA. Estas últimas chamarei de “frequentadoras recentes”.

Entre as 15 frequentadoras com quem tive uma interlocução mais extensa e profunda e que, conseqüentemente, ocupam um lugar mais expressivo neste trabalho, temos: catorze brancas e uma negra; duas de classe alta, cinco de média-alta, seis de média e duas de média-baixa; quatro na faixa dos 55-62 anos, cinco na faixa dos 40-47 anos, quatro na faixa dos 31-39 anos, uma de 19 anos e uma que não quis informar sua idade (idade não informada); onze heterossexuais, três homossexuais e uma bissexual; catorze que se reconhecem como mulheres, uma que se reconhece como não binária. Destaco ainda que as homossexuais, a bissexual e a não binária —que, embora se relacione com mulheres, não se identifica com nenhuma orientação sexual específica— estão na faixa dos 19-38 anos.

A dependência de relacionamento e o ideal de amor romântico

Em relação às questões que levaram essas mulheres a buscar e frequentar a MADA, temos uma variedade de casos. Embora a maioria das frequentadoras chegue aos grupos MADA com queixas específicas sobre seus relacionamentos sexoafetivos com parceiros homens, também há mulheres que se reconhecem como dependentes de relacionamentos com seus filhos (homens), irmãos/irmãs e com suas parceiras ou ex-parceiras

em relações sexoafetivas. Também acompanhei duas mulheres que se percebem como adictas ao trabalho.

É relevante que a grande maioria dessas mulheres, ao longo do caminho reconhecido como recuperação, começa a questionar sua forma de se relacionar de uma maneira geral, com familiares, vizinhos, amigos ou colegas de trabalho. Há uma compreensão compartilhada pelas interlocutoras de que o “amar demais” está presente, em maior ou menor grau, em todas as relações que o sujeito que “ama demais” estabelece, dificilmente se manifestando em uma única relação ou em um único tipo de relação.

Esse reconhecimento da dificuldade de se relacionar no âmbito geral dos relacionamentos está diretamente associado à ideia, característica de sociedades patriarcais modernas e contemporâneas, de que a mulher se constitui como sujeito a partir da relação com o outro e com a outra muito mais que os homens. As mulheres são mais estimuladas a desenvolver laços de intimidade, seja com suas bonecas e bonecos, das e dos quais aprendem a cuidar na infância, seja com homens e mulheres, em todas as etapas da vida (Chodorow 1979; Giddens 1993). Nós, mulheres, somos circunscritas no território amoroso para sermos atenciosas, cuidadoras, provedoras do afeto nas relações. Enquanto a mulher constrói sua feminilidade na relação com o outro e com a outra, o homem constrói sua masculinidade na relação consigo mesmo.

Na referência à história de Penélope e Ulisses, Suely Rolnik nos provoca ao trazer o arquétipo do feminino, marcado pelo eterno tecer e esperar, e o arquétipo do masculino, marcado pelo eterno movimento. Penélope, esposa de Ulisses, vive no ambiente doméstico e pauta sua vida pelas idas e vindas do marido. Ela está sempre tecendo, mas sempre os mesmos fios, sempre o mesmo amor por Ulisses. Ulisses, eterno viajante, nada tece e segue um movimento compulsivo, anda por todos os lugares, mas não está em nenhum deles. Para a autora, os dois encontram-se presos na necessidade do absoluto e do eterno, e um acusa o outro de o destruir com suas necessidades —presença e ausência— nunca saciadas. As necessidades não saciadas alimentam a interdependência entre eles, e o pacto simbiótico se instaura (2013).

Essa alusão ao modelo binário presente nas relações sexoafetivas, modelo esse que, em certos aspectos, perdura nas relações contemporâneas,

nos ajuda a compreender as queixas e demandas das frequentadoras da MADA, evidenciando como os problemas de relacionamento apresentados por elas são também o resultado das desigualdades de gênero das sociedades patriarcais. O modelo binário de Penélope e Ulisses tem suas raízes no ideal de amor romântico, que surge século XVIII e ainda fundamenta, em maior ou menor grau, as relações contemporâneas.

Nas relações de amor romântico, a pessoa amada é dotada de características peculiares que a tornam especial, e a realização desse amor, supostamente, torna a vida completa (Giddens 1993); a mulher é percebida como objeto de contemplação e desejo, sendo enaltecida e cortejada com um enorme vocabulário sentimental emergente. Uma nova linguagem, repleta de metáforas, caracteriza o romantismo do século XIX e, juntamente com os aspectos citados acima, provoca um reordenamento da vida emocional dos sujeitos (Freire Costa 1998).

Com o desenvolvimento do capitalismo e a consolidação da ideologia individualista, emergem novos ideais de amor e novas possibilidades de relacionamentos. As reivindicações dos movimentos sociais, como o movimento feminista, transformarão as configurações familiares e as relações sociais ao apresentarem novas demandas de grupos subjugados. As mulheres reivindicam uma série de direitos e passam a conquistar cada vez mais autonomia, dentro e fora dos contextos familiares. Nesse fluxo, surgem novos ideais de amor, como o amor confluyente, um amor ativo e contingente que pressupõe uma reciprocidade na doação e no recebimento emocional (Giddens 1993), e o amor líquido, construído a partir de relações fluidas e efêmeras, rápidas e intensas, realizadas na livre e imediata sociedade pós-moderna (Bauman 2003).

Entretanto, apesar das transformações na vida pública e privada dos sujeitos contemporâneos, o ideal de amor romântico perdura nas relações; digamos que ele foi reatualizado, combinado com todos esses outros modelos de amor, formando uma espécie de miscelânea da experiência amorosa. Nessa reatualização, novos e antigos desejos femininos (re) aparecem (Nunes 2011), os quais nem sempre confluem, trazendo à tona paradoxos e tornando visíveis as singularidades.

Eu preciso, tu precisas, nós precisamos: a precisão e o controle como características do sujeito que “ama demais” no contexto da sociedade patriarcal

A precisão como característica do sujeito que ama demais aparece constantemente nas ações e nos relatos das frequentadoras, e está associada tanto à busca pela perfeição quanto à carência afetiva nas relações. O desejo ou a necessidade de agradar e de não medir esforços para satisfazer o outro e a outra aparecem como geradores de sofrimento para muitas mulheres e também como ativadores do “controle” em um relacionamento: “Eu queria satisfazer aquele homem a qualquer custo, não importava se eu gostava ou não, se sentia dor ou desconforto, eu precisava saciar ele porque, no fundo, tinha muito medo que ele me traísse” (Entrevista 2).

Ainda compete às mulheres, na maioria dos casos, pelo menos no contexto brasileiro, alimentar a relação afetivamente, que passa também por mostrar-se atraente visualmente e ter uma performance sexual condizente aos desejos do parceiro. A busca dessas mulheres pela satisfação do outro e sua relação direta com o medo da traição ou do abandono podem ser pensadas a partir de uma análise da dinâmica patriarcal, na qual as mulheres ocupam o lugar de provedoras afetivas dos relacionamentos. Embora o papel de provedor econômico tenha sido ampliado para homens e mulheres, nas sociedades capitalistas pós-industriais, isso não ocorreu com o de provedor afetivo; uma performance sexual condizente aos desejos do parceiro.

A precisão no sentido de perfeição também é associada pelas mulheres ao controle dos espaços da casa, remetendo aos padrões de gênero que colocam a mulher no lugar de “dona do lar”:

A necessidade de limpar, arrumar a casa e ter o “controle” do espaço doméstico, não permitindo que outros realizem estas tarefas, “mantém as *madras* ocupadas” e tiram o foco do “cuidado de si”, na interpretação de Márcia. Ela expôs sua dificuldade em aceitar que o genro e a filha realizem as tarefas domésticas, pois acha que “não farão direito”. (Diário de campo 1)

Dora, como de costume, fez um relato sobre sua rotina de dona de casa e como isso a ajuda em sua recuperação: ela destaca a importância de manter a casa sempre arrumada, cheirosa, de “fazer um bolo mesmo

que não vá receber visita”. Ela se reconhece como depressiva, então, seguir a rotina da casa e também de seu cuidado pessoal com a aparência física —academia, roupas novas, maquiagem etc.— é uma “grande vitória” em sua visão (Diário de campo 3).

Tanto Dora como Márcia são mulheres na faixa dos 60 anos, aposentadas, divorciadas, mães, que não têm por hábito o sexo casual e há muito não têm um relacionamento sexoafetivo. Apesar de essas duas interlocutoras compartilharem um perfil semelhante, as “doenças” ou “problemas” com os quais se identificam e a forma como pensam e buscam transformá-los são bem diferentes.

Márcia relaciona o cuidado da casa e dos filhos com a “necessidade de manter-se ocupada”, tirando o foco do “cuidado de si”. Ela relata ter dificuldade em permitir que a filha e o genro realizem as tarefas domésticas, mesmo eles tomando a iniciativa de realizá-las, e associa essa dificuldade ao seu “padrão de controle”. Márcia se reconhece como dependente, principalmente, do relacionamento com o filho:

Márcia iniciou os comentários do texto [lido na reunião] falando mais uma vez sobre sua relação com o filho, que está preso –pela sétima vez–, por pequenos delitos. Disse como é difícil pra ela não se responsabilizar pelo filho, entender que se ela assume a responsabilidade pelos atos do filho, ela tira dele a oportunidade de enfrentar seus próprios problemas. Deixou claro que seu ímpeto é sempre resolver os problemas dele, mas que hoje consegue não fazer isso, consegue dizer NÃO, embora lhe custe muito. Falou também sobre como sentia raiva e culpa quando resolvia os problemas do filho e como hoje está melhor ao conseguir não repetir seu “padrão de solucionar a vida dele”. Falou também que não está em um relacionamento afetivo-sexual no momento, que não tem um há bastante tempo e que precisa se livrar da “vozinha da minha mãe dizendo que nenhum homem presta”. (Diário de campo 3)

É interessante notar que, ao buscar romper com o “responsabilizar-se pela vida do filho”, o foco está em “dar oportunidade” para que ele “enfrente os seus problemas”. Ou seja, nesse relato, o foco de Márcia segue sendo o cuidado com o filho. Essa fala aponta para como as mulheres, nas sociedades patriarcais ocidentais, se constituem como sujeitos na

relação com o outro e com a outra mais do que os homens, sendo elas “sistematicamente ‘empurradas’ e circunscritas ao ‘território’ amoroso, na relação dual, com a criança via maternidade, ou com o homem via conjugalidade” (Rodrigues 1998, citado por Olegário 2013, 4).

Outro aspecto a ser considerado no relato acima é a referência feita à “vozinha da mãe dizendo que nenhum homem presta”, indicando que Márcia se sente afetada pela percepção da mãe em relação aos homens. A “vozinha da mãe”, combinada aos dois relacionamentos sexoafetivos que Márcia teve ao longo da vida, mais as expectativas sociais de que as mulheres, principalmente as que são mães, liderem o espaço doméstico e provenham afetivamente as relações, justificam a constituição de uma subjetividade voltada ao cuidado preciso ou “controlador” da casa e dos filhos. Na análise de Márcia, os dois relacionamentos sexoafetivos que teve foram insatisfatórios; a última relação, inclusive, terminou, pois seu parceiro começou a se relacionar com uma amiga da filha de Márcia e acabou casando com ela.

Dora, 62 anos, pedagoga aposentada, diferentemente de Márcia, não percebe o cuidado da casa como aprisionador ou como algo que tire o “foco de si”:

Dora, como de praxe, falou sobre seu dia a dia em casa, sobre suas preocupações com dinheiro —“para que não falte, tem que economizar”—, com a limpeza da casa, a boa alimentação e a aparência física —principalmente o peso que é “tudo que uma mulher deve se preocupar”, no seu julgamento—. (Diário de campo 2)

Dora pegou a palavra e falou sobre seus progressos, que estão todos ligados ao cuidado com sua aparência e com a casa: “a psicóloga me disse, né, ‘quero ver aquela casa brilhando’”. Ela falou, com muito orgulho, que varre a casa todos os dias, coloca “um cheirinho de lavanda nos banheiros”, que ficam limpos e perfumados: “aquele cheirinho de lavanda, humm, é muito bom, né, antes eu não sabia o que era isso”. (Diário de campo 3)

Dora faz terapia com uma psicóloga e, pelos seus relatos, segue à risca os conselhos da última. Os conselhos giram em torno de manter uma rotina, ocupar-se, alimentar-se bem, tomar banho todos os dias, enfeitar-se, buscar distrair-se com afazeres domésticos e, eventualmente,

sair com amigas. Dora tem o diagnóstico de depressão desde jovem e toma vários medicamentos psiquiátricos. Em sua perspectiva, influenciada pela psicologia, o cuidado do espaço doméstico é uma extensão do cuidado consigo mesma, já que a mantém ocupada e cria uma rotina, criando entraves para a progressão de sua “doença”. Algumas outras frequentadoras da MADA também percebem a dedicação ao lar de Dora como um avanço em sua recuperação:

[...] daí ela fala assim, é engraçado que ela se apega aos detalhes, “porque a minha casa, no fogão, eu abaixo a tampa e coloco uma toalhinha”, e toda a vez que eu olho pro meu fogão eu penso “o meu não tem tampa pra pôr toalhinha” (risos); toda vez que eu olho pro meu fogão eu lembro da Dora [...] parece que não é nada quando a gente houve, de ir lá e baixar a tampa do fogão, colocar uma toalhinha, mas pra ela faz muita diferença, mexe com a autoestima dela, é uma vitória, uma coisa que ela tá conseguindo manter, que ela conquistou. (Entrevista 3)

Embora Dora frequente assiduamente as reuniões e siga o ritual de apresentação “Meu nome é Dora e eu sou uma mada em recuperação”, suas queixas associam-se muito mais à depressão que a supostos problemas relacionados ao “amar demais”. Nunca a vi se identificando como “controladora”, “manipuladora”, “louca”, assim como também não presenciei relatos seus sobre dificuldades em se relacionar. Durante boa parte do campo, sua singularidade no contexto MADA me saltava aos olhos, inclusive eu me perguntava constantemente o que aquela mulher estava fazendo ali, já que seus problemas, aparentemente, eram tão diferentes dos das outras mulheres. Até que um dia:

[...] no momento das *partilhas*, me emocionou o relato de Dora —a suposta desviante do grupo— pela primeira vez senti empatia por ela e isso fez com que a visse com outros olhos. Ela falou sobre o que fala sempre: da importância de manter a casa limpa, arrumada, de se manter limpa e arrumada, porém, além disso, falou sobre a criação antiga que teve, na qual os papéis de homens e mulheres são bem definidos; falou também de maternidade, da dificuldade de criar três filhos, do desespero de ter três filhos, de precisar criá-los e da relação disso com sua depressão, que possivelmente foi agravada

por não conseguir dar conta dessa situação (maternidade), por talvez nunca tê-la desejado. (Diário de campo 4)

A partir desse momento, passei a ver Dora, por um lado, como mais uma mulher que reproduz as estruturas sociais do patriarcado, mais uma mulher que se adapta, ou tenta se adaptar, aos papéis sociais de mãe, esposa, dona do lar; por outro, como uma transgressora, ao questionar seu desejo de ser mãe, já tendo sido, e relatar tão corajosamente seu desespero por ter tido filhos. Eu nunca tinha visto uma mulher falar sobre sua experiência de maternidade daquele jeito. Embora hoje haja mais liberdade para se falar sobre as dificuldades da maternidade, ainda é bastante difundida a ideia de que ser mãe é uma experiência maravilhosa e que as mazelas são recompensadas pelo “amor incondicional” que se nutre pelo/pela filho/filha.

A autorresponsabilização como estratégia de tratamento na MADA e seus efeitos nos processos de recuperação

Uma das principais estratégias de recuperação na MADA é “assumir a responsabilidade pelos próprios problemas”, que passa por se reconhecer como dependente de relacionamentos e por se perceber como responsável pelos caminhos seguidos na vida adulta, tanto no passado como no presente. A dinâmica institucional promove o “olhar para si” de várias maneiras; entre elas, podemos destacar a instrução que é lida no início de todas reuniões: “evite falar ‘tu’ ou ‘nós’, fale sempre ‘eu’, pois assim você se centra no seu depoimento”. Nos grupos que frequentei, havia um espelho em cima da mesa central, e logo acima dele um papel com a seguinte frase escrita “essa é a única pessoa que você pode modificar”.

Essas estratégias são características do modelo terapêutico de 12 passos e, conforme já analisado por outras autoras, mantêm relações estreitas com o processo de individualização vivido na modernidade. Em diálogo com Louis Dumont e Marcel Mauss, Campos nos apresenta o modelo de recuperação do AA, em que:

Tudo se passa como se esse modelo fosse um resultado da individualização do processo saúde/doença. Os AAs são, então, identificados como agentes capazes de controlarem a “doença alcoólica”, recuperando, assim, a autonomia perdida nos tempos do alcoolismo ativo. Ao contrário do indivíduo dependente, que

“perdeu o controle sobre o álcool”, tornando-se incapaz de controlar sua vida seguindo sua própria vontade, os AAs são entendidos como “agentes autônomos” que recuperaram a capacidade de “escolha” e o controle da própria “doença”, responsabilizando-se pelo cuidado de si mesmos. (Campos 2005, 14)

Essas conquistas dos frequentadores do AA, contudo, não são totalmente individuais, já que são resultado da convivência entre os membros da instituição, são o resultado de todo o conjunto de ações realizadas nos grupos de ajuda mútua. O individualismo relacional, identificado pelo autor como ideologia norteadora do AA, realiza-se na medida em que propõe uma autorresponsabilização do sujeito, que é constantemente compartilhada e apoiada pelos outros participantes da instituição.

O modelo do individualismo reflexivo aplica-se também à instituição MADA, contudo, esse convite à autorresponsabilização produz diferentes efeitos nas frequentadoras. As questões de gênero precisam ser cuidadosamente analisadas quando se fala sobre responsabilidade, já que as mulheres, uma minoria social, são constantemente apontadas como responsáveis pelas violências sofridas. Quando uma mulher é atacada ou violentada na rua, diz-se que ela “não deveria usar uma saia tão curta”, quando sofre assédio no trabalho, diz-se que “não deveria usar decote no ambiente de trabalho”, quando apanha do marido em casa, diz-se que “deve ter feito algo para merecer”.

Se, por um lado, o “foco em si mesma” pode encaminhar as frequentadoras a “assumir o controle sobre suas vidas”, dando-lhes subsídios para focar em seus desejos e necessidades e libertarem-se de relacionamentos abusivos, por outro, pode provocar a entrada em uma espiral de autoculpabilização geradora de mais sofrimento e invisibilizadora de situações de violência. E este é um dos principais paradoxos que observei no programa de recuperação da MADA: como se responsabilizar pelo seu modo de ser, pensar, agir e sentir e ao mesmo tempo perceber muitas das suas ações como reações às violências sofridas em um relacionamento abusivo? Como priorizar os próprios desejos e necessidades e ao mesmo tempo se entregar para uma relação, abandonando o “padrão de controle” com o qual se identificam as frequentadoras da MADA?

Comecei a perceber que existe uma linha muito tênue entre se responsabilizar por sua forma de ser, pensar, agir e sentir, “tomando as rédeas da própria vida”, assumindo sua “parcela de culpa” nos relacionamentos que “não deram certo” e a espiral de autoculpabilização e autopunição em que entram algumas mulheres, estado este que se opõe ao autocuidado e ao fortalecimento da autoestima, que também são alimentados na recuperação proposta pela MADA.

Se o discurso MADA, ao fomentar o “olhar para si”, tende a promover autonomia, desenvolvimento do amor-próprio e do autocuidado, também tende a cristalizar a imagem da mulher “louca”, “manipuladora”, “doente”:

Hoje, Malu fez uma partilha sobre seu momento atual, mas também sobre seu passado, ao qual identifica como altamente “doentio”. Ela se vê “quase como uma psicopata”, “manipuladora, jogadora”. Ela está se relacionando com uma pessoa problemática, ao qual define como “sociopata” [...] Malu falou também de sua família “doente”. Disse que seu pai era uma pessoa muito “manipuladora e doente” e que ela, Malu, sempre se viu muito parecida com ele e que teme que talvez tenha “se tornado ele”, “talvez eu tenha até ultrapassado ele”, diz ela. Ela contou que cria duas filhas sozinha e que perdeu o emprego recentemente e terá que se mudar para a casa da mãe, algo péssimo, em sua avaliação. Relata que, apesar dos problemas atuais [perda do emprego e mudança para a casa da mãe], ela só sofre mesmo, só chora pela relação com o namorado. Disse também que está há nove anos no MADA. [...]

Dani falou sobre sua dificuldade em se relacionar com mulheres [como amiga, irmã, filha, etc.]. Se identifica como “manipuladora”, que sempre se utilizou de “armas”, como a “sedução”, para conseguir o que queria e nunca conseguia “criar intimidade” e ser honesta com outras mulheres. (Diário de campo 2)

Nos relatos acima, nos quais as mulheres se identificam como “manipuladoras”, “jogadoras” e “sedutoras”, percebe-se uma tendência a chamar a responsabilidade para si, desconsiderando os contextos sociais em que estão inseridas. Malu, mesmo identificando “a doença” do pai e do namorado, e a dificuldade de criar duas filhas sozinha,

parece não compartilhar a responsabilidade de sua situação com esses homens. Ela parece não considerar que a realidade de ter que criar duas filhas sozinha e ter acabado de perder o emprego a coloca numa situação de vulnerabilidade emocional e social que justifica, pelo menos em parte, os problemas vivenciados no presente.

Diversas autoras –e alguns autores– vêm refletindo sobre as questões de gênero no contexto das práticas de saúde e cuidado. Algumas autoras feministas questionam a literatura de autoajuda direcionada às mulheres, evidenciando seu potencial de manutenção das estruturas de gênero historicamente construídas:

Schrager (1993) argumenta que os livros de autoajuda dirigidos ao público feminino são herdeiros dos manuais de conduta e das novelas para mulheres de classe média, anteriores à medicalização da sexualidade, nos séculos XVIII e XIX, na Inglaterra e nos EUA. Ainda, ela considera que o conteúdo veiculado por eles, especialmente a noção de amar demais, não leva em conta o contexto social, cultural e econômico gerador de desigualdades e dificuldades para mulheres, vitimizandoo-as diante da noção de doença sugerida por tal conceito. Além disso, a autora avalia em que medida essas ideias não atualizam a noção de histeria feminina e desconsideram o modo como muitas mulheres vivem, se relacionam e criam seus filhos em situações difíceis e desvantajosas. (Ferreira 2012, 183)

A questão da dependência financeira e do cuidado com as filhas e os filhos, abordadas por Schrager, são aspectos importantes a serem considerados aqui. Estudos recentes comprovam que as mulheres ainda recebem menores salários que os homens em quase todas as profissões no Brasil, mesmo em casos em que elas têm maior escolaridade que eles⁵, e também são elas as principais responsáveis pelo cuidado das/dos filhas/filhos. Torna-se evidente que esses dois aspectos, principalmente quando combinados, colocam as mulheres em uma situação mais vulnerável dentro de um relacionamento sexoafetivo.

No caso de Dani, que relata a dificuldade em “criar intimidade” com mulheres, também faz-se necessário analisar o contexto social

5 Dados recentes (2009) do Banco Interamericano de Desenvolvimento extraídos do site: observatoriodegenero.gov.br

machista e patriarcal que, se por um lado estimula mais as mulheres que os homens a desenvolver laços de intimidade com outras (Giddens 1993), também as estimula a competir com outras mulheres, seja na disputa pela melhor aparência física, seja na disputa direta pelo homem (Goldemberg 1990).

Esse mesmo contexto atribui às mulheres o “poder da sedução” (Corbin 1997) que, mesmo quando colocado como atributo positivo da mulher –o qual, supostamente, faria com que elas tivessem o domínio sobre os homens no terreno amoroso–, define as últimas por suas características físicas e por seus supostos potenciais de encantar, agradar, envolver. Dani, ao perceber a sedução como uma arma, reproduz o discurso dominante de gênero, que também é reforçado na literatura MADA, porém, ao mesmo tempo, ao identificar essa “arma” como algo do qual não deseja mais se utilizar, como algo que atrapalha sua conexão com outras mulheres, Dani também rompe com os padrões de gênero que concebem a sedução como um poder feminino desejável. Nesse mesmo sentido, Rosa rechaça o “padrão de sedução”, ao mesmo tempo que se identifica com ele:

Eu achava que sedução era só ficar no baile rebolando e não [...] fazer o cara se abrir, ser amigona, daí o cara se abre, nossa, eu faço um homem se abrir assim [estala os dedos], em meia hora ele conta a vida dele inteira e eu consigo pesquisar [sobre ele, na internet], é... sedução é isso aí, eu achava que sedução era outra coisa, então sedução é muito profundo. (Rosa, 45 anos, Curitiba, julho de 2017)

Rosa, diferentemente de Dani e Malu, parece pender para o outro lado em seu processo de autorresponsabilização buscando “admitir a sua parte”, ao identificar os traços de sua personalidade com os quais não está satisfeita e também reconhecendo os efeitos das violências sofridas no passado:

Hoje eu olho assim: quais os meus 50 %? Ah os teus 50 % Rosa, você tem padrões doentios na tua vida antes dele [o namorado] chegar, você tem uma desconexão com tua pele por causa da violência do passado, você tá emburrada porque não é do teu jeito, isso não é dele, então, antes, pra não me observar e não admitir a minha parte, eu falava coisas horríveis pro cara, tipo “eu tô braba sim porque tô com a sensação de mulher mau comida”, umas coisas assim que

acabavam com o cara sexualmente, você entende? (Rosa, 45 anos, Curitiba, julho de 2017)

Os relatos de Rosa, que frequenta a MADA e a DASA, em que se identificava como dependente de amor e de sexo, costumam revelar as violências sofridas e as pequenas vitórias cotidianas que, em sua interpretação, demonstram a superação de determinados “padrões de comportamento”:

Há três anos atrás, eu achava que tava enlouquecendo, porque com o mesmo parceiro tinha horas que eu queria compulsivamente fazer sexo por horas, e tinha horas que eu queria empurrar ele e ficava com muito ódio, e eu pensava “meu deus, eu tenho algum problema, o cara é igual, é o mesmo cara”, daí eu comecei a desconfiar que o problema era comigo, por isso que fui pro DASA, então hoje eu sei que eu não tô ficando louca, eu sei que tudo tem uma justificativa da minha história, dos meus padrões, eu sei que é por causa do abuso da infância, do abuso do meu pai, eu sei que é por causa dos primeiros treze anos de espancamento e a forma como eu fui viciada sexualmente pelo primeiro homem, então tudo isso desenvolveu padrões doentios, hoje eu já tenho o mapeamento parcial disso e tô começando a saber quais os meus objetivos [...] eu tô um ano e quatro meses estável de novo, então assim, hoje eu faço ginástica, faço yoga, tenho amigos, hoje eu respeito muito meu horário de sono, a minha agenda é cada vez mais simples, eu não posso me atarefar muito, pressionar muito minha mente. (Rosa, 45 anos, Curitiba, julho de 2017)

Ana, 30 anos, que frequenta a MADA há aproximadamente sete, também parece encontrar nas instituições caminhos para buscar autonomia e livrar-se da culpa pelos relacionamentos ruins que teve durante a vida:

[...] tipo, o outro é o outro, foda-se, tipo assim, é a gente, se a gente cagou no nosso 50 % tá tudo certo; quando eu li a história do 50 % na apostila de textos [da MADA], nossa, eu achei maravilhoso! Aquilo é muito, aquilo tira culpas, tira um monte de coisas que não é nosso, porque acaba misturando a loucura do outro com a nossa loucura. (Ana, 30 anos, Curitiba, julho de 2017)

Ela, ao invés de se identificar como “controladora” ou “manipuladora”, relata períodos de sua vida em que esteve em um “estado muito controlador”:

O fundo da minha casa dava de fundo com o trabalho dela [a ex], eu sabia o horário que ela entrava no trabalho e eu ficava espiando ela, eu tava num estado muito controlador, eu não sabia o que era, mas eu tava, hoje eu entendo que era controle [...] então, eu voltei pro MADA faz um ano e meio com mais frequência, porque eu acabei me relacionando, achei que tava tudo certo e, por um lado, assim, muita coisa eu deixei de fazer mesmo, muita coisa, principalmente o controle, assim, o controle meu com a outra [pessoa da] relação era gritante. (Ana, 30 anos, Curitiba, julho de 2017)

Percebo que uma série de questões define as diferentes vivências da recuperação para as diferentes mulheres na MADA. Percebi, por exemplo, que as interlocutoras heterossexuais, na faixa dos 40 aos 60 anos, mães, têm uma tendência maior a se reconhecerem como “loucas”, “sedutoras”, “controladoras” ou “manipuladoras”.

Assim como as homossexuais, na faixa dos 30 aos 38 anos, sem filhos, costumam rechaçar essa imagem cristalizada da mulher que ama demais, ainda que se reconheçam como dependentes de relacionamentos. São estas últimas também que, em geral, consideram o contexto social em que vivenciam suas experiências amorosas e cujas falas vão ao encontro dos discursos feministas:

[...] só que o que a sociedade ensina sobre o amor é que é sofrer, tá nas músicas, sabe, tá na mídia, tipo assim, vou te dar um exemplo: a minha ex-namorada me procurou em fevereiro desse ano, me mandou mensagem, veio só surtar, mas ela disse bem assim “ah, você não me procurou, não correu atrás de mim”, aí eu falei “mas você me pediu”, então, inclusive ela falou “você não me amou de verdade, se você tivesse me amado ia ter corrido atrás de mim”, tipo, e essa visão é de uma grande maioria, que, tipo, se eu amo eu tenho que ficar lá correndo, correndo, pra... e no MADA não, no MADA já te dá uma outra visão, assim, de uma coisa mais madura, de enxergar as coisas, de ah, tudo bem, se a pessoa não quer, você dá o espaço, você coloca limite. (Ana, 30 anos, Curitiba, julho de 2017)

O que eu sinto é que ser mulher nessa sociedade, sei lá, é dar conta de uma porção de coisas que são impostas de cima pra baixo. Não faz muito tempo que a gente pode votar, não faz muito tempo que a mulher não tem que pedir permissão pro marido pra fazer determinadas coisas. Eu tenho uma condição privilegiada porque eu tenho uma amplitude de escolhas maior, não vou dizer que eu escolhi ser lésbica, mas eu pude escolher, se eu quisesse, não fui oprimida, não foi uma grande libertação ou revolta, tipo, “Aí, saí do armário, meu deus, agora minha vida mudou”, não, foi uma decisão de começar a me relacionar com mulher. (Boni, idade não informada, Curitiba, julho de 2017)

A análise dos depoimentos das interlocutoras evidencia que o processo de recuperação, diferentemente do que quer o discurso institucional, reproduzido principalmente pelas frequentadoras antigas, é singular em muitos aspectos, na medida em que os perfis de frequentadoras são diversos e que suas compreensões e descobertas durante a caminhada na MADA são particulares. Ainda que a instituição se esforce para conformar discursos e experiências, ela só o consegue em parte. O processo de dessingularização da experiência operado pela MADA deixa frestas e delas emergem resistências e experiências singulares de ser e estar no mundo.

Assertividade, empoderamento e resistência: quando os discursos MADA encontram os discursos feministas

No livro *Por que as mulheres escrevem mais cartas que enviam*, o psicanalista Darian Leader indica que nós, mulheres ocidentais, tivemos que aprender a dar muitas voltas para comunicar o que queremos ou precisamos, já que, durante muito tempo, não nos foi permitido expressar nossos desejos e necessidades, fato que contribuiu para o desenvolvimento de formas de ser, pensar, agir e sentir mais passivas que ativas, nos colocando, por vezes, no lugar de manipuladoras, controladoras, dissimuladas (Leader 1998).

Verbalizar os desejos e necessidades da forma mais assertiva possível é uma das estratégias de recuperação da MADA, que vai ao encontro de práticas feministas contemporâneas. Embora a palavra “assertividade”, característica do repertório feminista, não apareça nos relatos das

interlocutoras desta pesquisa, várias vezes escutei no campo frases do tipo “ele não tem como adivinhar os meus pensamentos, preciso informar a ele do que necessito”, “ninguém tem bola de cristal, preciso dizer a ele como me sinto”, “preciso aprender a dizer não”. Aprender a dizer “não” aparece, inclusive, como uma busca que, segundo Julia, 59 anos, caracteriza e unifica as frequentadoras da instituição:

Aprender a dizer *não* passa a ser um objetivo de quase todas as *madras*, senão todas, não quero generalizar; no meu caso eu também não sabia dizer *não*, mas eu já aprendi, não sei se tudo o que eu deveria, mas já aprendi, né. [...] a carência da *madrá* que leva ela a fazer essas merdas de escolha e ficar aguentando coisa que a gente não precisa, porque justamente essa coisa da carência faz querer servir, servir, servir, e não fazer escolhas, não saber dizer *não*, então a mulher saudável sabe dizer *não*. (Julia, 59 anos, Curitiba, julho de 2017)

A habilidade de dizer *não*, informando ao outro, de forma assertiva, o que se quer e o que não se quer, aparece como elemento empoderador dessas mulheres, aproximando o discurso *MADRÁ* das discursividades feministas. A palavra “empoderamento” tem sido bastante utilizada nos discursos feministas e, embora haja divergências sobre seu significado nos mais variados contextos, parece haver consenso em torno de alguns pontos, aqui destacados por Sardenberg, a partir da leitura de Sarah Mosedale:

a) para se “empoderar”, alguém tem que ser antes “desempoderado” —ex. as mulheres enquanto um grupo; b) ninguém “empodera” outrem —isto é, trata-se de um ato auto-reflexivo de “empoderar-se”, ou seja, a si própria (pode-se, porém “facilitar” o desencadear desse processo, pode-se criar as condições para tanto); c) empoderamento tem a ver com a questão da construção da autonomia, da capacidade de tomar decisões de peso em relação às nossas vidas, de levá-las a termo e, portanto, de assumir controle sobre nossas vidas; d) empoderamento é um processo, não um simples produto. Não existe um estágio de empoderamento absoluto. As pessoas são empoderadas, ou desempoderadas em relação a outros, ou então, em relação a si próprias anteriormente. (Sardenberg 2006, 3-4)

A conceitualização descrita acima vai ao encontro, em muitos aspectos, do discurso MADA, no qual o processo de autorreflexão, autonomia e tomada de decisões faz-se presente. Nas mesmas palavras, a MADA convida a “assumir o controle sobre nossas vidas”, mostrando que o caminho da recuperação também é um processo e não um produto, daí a ideia de que um sujeito que “ama demais”, por mais avanços que realize em sua forma de se relacionar, está constantemente em recuperação.

Recusar-se a fazer algo ou a ocupar uma posição que não é desejada pela mulher na relação são sinais de empoderamento que levam as interlocutoras não apenas a se libertarem de situações de violência, como também a evitarem entrar em novas relações abusivas:

Julia, 59 anos, falou sobre os abusos emocionais sofridos ao longo da vida e sobre como hoje não permite mais alguns deles, sobre como percebe que são abusos. Disse que não fica mais com a “xoxota assada por passar horas transando” e que nunca, jamais, transa sem preservativo, que gosta de beijo na boca e, se o cara não investe nisso, ela já dá o fora. (Diário de campo 3)

Cátia, 38 anos, falou sobre seus relacionamentos com caras que não sabem ou não querem “criar intimidade”. Ela relaciona a intimidade com saber como foi o dia de cada um, contar histórias sobre a infância e coisas do gênero. Falou que está evoluindo, pois hoje “não força mais a barra para criar intimidade”, cai fora quando percebe que o cara “não cria intimidade”. (Diário de campo 2)

A correlação entre aspectos do discurso MADA e aspectos do discurso feminista contemporâneo já foi apontada por outras autoras:

Se por um lado o ideário MADA aceita e reproduz padrões normativos de gênero, por outro, ele os ressignifica mediante o encontro com outras discursividades, tais como reivindicações feministas, questionamentos a respeito da sobrecarga das mulheres no mundo doméstico, conflitos que envolvem concepções tradicionais e igualitárias de relacionamentos, etc. (Ferreira 2016, 21)

Ao ver a MADA e os contextos de atuação feministas como “instâncias pedagógicas do aprendizado emocional e do controle emotivo”, que

possibilitam uma reorganização social do sofrimento amoroso, Ferreira aponta para a produção de uma “micropolítica das emoções”, que se refere “à capacidade de dramatizar, reforçar ou alterar as macrorrelações sociais que delinham as relações interpessoais nas quais emerge a experiência emocional individual” (Ferreira 2016, 5). Dessa forma, o trabalho feito na MADA reverbera não apenas nas vidas privadas de suas participantes, como também atualiza as estruturas que embasam a instituição, afetando todo um conjunto de macrorrelações sociais.

CONCLUSÕES

A instituição MADA, a partir de sua dinâmica de tratamento baseada nos doze passos e nas doze tradições, busca conformar discursos e experiências, operando a partir de regimes de verdade que combinam ideais individualistas a premissas patologizadoras das emoções. Em sua proposta terapêutica, que visa à recuperação de mulheres que se reconhecem —ou virão a se reconhecer— como dependentes de relacionamentos, a instituição produz sujeitos que “amam demais”, dessingularizando a experiência dessas mulheres e criando identidades no contexto dos grupos de ajuda mútua. Essa dessingularização torna-se importante e eficaz em vários aspectos, na medida em que a identificação entre as participantes acaba por ser fundamental no desejo das mulheres em seguir frequentando os grupos MADA, o que leva boa parte delas a se libertar de relações abusivas.

Ao mesmo tempo, a MADA, ao valorizar a fala e escuta atentas e ao priorizar uma série de outras estratégias para o fortalecimento da autoestima e da autonomia de suas frequentadoras, permite —de certa forma, fomenta— a emergência de outros discursos; muitos destes são confluentes aos discursos feministas, já que estimulam o empoderamento feminino e a sororidade. A busca do autoconhecimento e da conexão com os próprios desejos e necessidades vivenciadas pelas interlocutoras possibilitam que elas encontrem caminhos próprios de recuperação na MADA. Nesse movimento paradoxal de singularização e dessingularização da experiência, realizam-se diferentes percursos e possibilidades de elaboração, compreensão e recuperação dos problemas de relacionamento.

O duplo movimento de singularização e dessingularização da experiência está diretamente associado à forma como o gênero é pensado e vivido na MADA. Os padrões de gênero vigentes, heteronormativos

e patriarcais, pautados nos binarismos homem versus mulher, razão versus emoção, ora são corroborados nas práticas institucionais, que dessingularizam as sujeitas, ora são refutados pela própria dinâmica institucional, quer quando esta formata discursos e emoções, quer quando abre espaço para a expressão das singularidades. Um exemplo do discurso institucional como refutador de padrões de gênero está no constante estímulo à autonomia e ao autocuidado, encaminhando a mulher que frequenta a MADA ao conhecimento e reconhecimento de sua força, de seus talentos e de suas potencialidades.

A dessingularização da experiência operada na instituição é fundamental para a formação da identidade da “mulher que ama demais”, o que garante a coesão do grupo MADA (particular) e também da instituição MADA (geral/universal). A identificação das participantes, com o discurso institucional e com algumas ou muitas das experiências relatadas pelas outras mulheres, produz as sensações de acolhimento, de pertencimento, que tendem a ser motivadoras no processo de recuperação.

Contudo, os efeitos do programa de recuperação na MADA não são os mesmos para todas as frequentadoras. Em parte, isso ocorre porque as mulheres que chegam à instituição são diferentes entre si, tanto nos quesitos classe, raça, idade, orientação sexual e crenças religiosas, quanto nos tipos de problemas de relacionamento apresentados, passando também pelas diferentes bagagens terapêuticas que trazem. Os efeitos da recuperação na MADA são diversos também porque a dinâmica institucional abre brechas para que se viva a recuperação de forma particular, permitindo a emergência das singularidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bauman, Zygmunt. 2004. “Prefácio”; “Apaixonar-se e desapaixonar-se”. Em *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*, 6-26. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Campos, Edemilson Antunes de. 2005. “Alcoolismo, doença e pessoa: uma etnografia da associação de ex-bebedores alcoólicos anônimos”. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), São Carlos, SP.
- Corbin, Alain. 1997. “A relação íntima ou os prazeres da troca”. Em *História da vida privada* – 4, organizado por Philippe Ariès e Georges Duby, 503-561. São Paulo: Cia das Letras.

- Chodorow, Nancy. 1974. "Estrutura familiar e personalidade feminina". Em *A mulher, a cultura e a sociedade*, coordenado por Louise Lamphere e Michelle Rosaldo, 65-94. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Deleuze, Gilles. 1974. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.
- Dumont, Louis. 1997. "Introdução". Em *Homo hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações*. São Paulo: Ed. da USP.
- Ferreira, Carolina Branco de Castro. 2012. "Desejos regulados: grupos de ajuda mútua, éticas afetivo-sexuais e produção de saberes". Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, SP.
- Ferreira, Carolina Branco de Castro. 2016. "O gênero do amor: cultura terapêutica e feminismo". *Cadernos Pagu* 47: 41-84.
- Freire, Jurandir. 1998. "Introdução"; "Utopia sexual, utopia amorosa". Em *Sem fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico*, 11-78. Rio de Janeiro: Rocco.
- Foucault, Michel. 1996. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- Giddens, Anthony. 1994. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp.
- Goldemberg, Miriam. 1990. *A outra: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem*. Rio de Janeiro: Revan.
- Heilborn, Maria y Mônica Peixoto. 2016. "Mulheres que amam demais: conjugalidades e narrativas de experiência de sofrimento". *Estudos feministas*, Florianópolis 24: 45-62.
- Lagarde, Marcela. 2005. *Los cautiverios de las mujeres. Madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Coordinación general de estudios de posgrado, Unam.
- Leader, Darian. 1998. *Por que as mulheres escrevem mais cartas que enviam*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1994. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Norwood, Robin. 1985. *Mulheres que amam demais anônimas*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Nunes, Silva. 2011. "Afiml, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar." *Psicologia Clínica*, 23, 2: 101-115.
- Olegário, Maria da Luz e Mirian de Albuquerque Aquino. 2013. "Discursos sobre a afetividade feminina: falando e aprendendo a amar". Seminário internacional fazendo gênero 10 (anais eletrônicos). Florianópolis.

- Procópio, Adélia de Souza. 2007. *Quando amar é sofrer: um estudo dos discursos sobre gênero e afetividade das mulheres que amam demais*. Dissertação (mestrado em sociologia), Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Rolnik, Sueli. 2013. “Uma nova suavidade?”. Em *Micropolítica: cartografias do desejo*, organizado por Felix Guatarri e Sueli Rolnik, 339-349. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sardenberg, Cecília. 2006. “Conceituando ‘empoderamento’ na perspectiva feminista”. Comunicação oral apresentada ao seminário internacional: trilhas do empoderamento de mulheres – projeto tempo, UFBA, Salvador, Bahia.
- Silva, Juliana Ben Brizola da Silva. 2008. *Quando amar é um problema: os significados de amar demais a partir do grupo Mada*. Monografia (curso de ciências sociais), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Diários de campo

- Diário de campo 1. Curitiba, março de 2017.
- Diário de campo 2. Curitiba, abril de 2017.
- Diário de campo 3. Curitiba, junho de 2017.
- Diário de campo 4. Curitiba, julho de 2017.

ANEXOS

Os 12 passos de MADA

O programa de recuperação de MADA é baseado nos 12 Passos, adaptados de AA. Os Passos ajudam na nossa recuperação.

1. Admitimos que éramos impotentes perante os relacionamentos e que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.
2. Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmas poderia devolver-nos à sanidade.
3. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.
4. Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmas.

5. Admitimos, perante Deus, perante nós mesmas e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.
6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
7. Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.
8. Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.
9. Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem.
10. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos erradas, nós o admitíamos prontamente.
11. Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar o nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.
12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem às mulheres que ainda sofrem e praticar estes princípios em todos os nossos relacionamentos.

As 12 tradições de MADA

Assim como os Doze Passos ajudam na nossa recuperação, as Doze Tradições ajudam a manter a unidade do grupo.

1. Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de MADA.
2. Somente uma autoridade preside, em última análise, ao nosso propósito comum: um Deus amantíssimo que se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossas líderes são apenas servidoras de confiança, não têm poderes para governar.
3. Para ser membro de MADA, o único requisito é o desejo de evitar relacionamentos destrutivos.
4. Cada Grupo de MADA deve ser autônomo, salvo em assuntos que afetem outros Grupos ou MADA como um todo.
5. Cada Grupo possui um único propósito primordial: transmitir a mensagem à MADA que ainda sofre.

6. Nenhum Grupo de MADA jamais deverá sancionar, financiar ou emprestar o nome de MADA a qualquer sociedade ou empreendimento alheios à Irmandade a fim de evitar que problemas de dinheiro, propriedade ou prestígio nos desviem do nosso propósito primordial.
7. Todos os Grupos de MADA deverão ser absolutamente autossuficientes, rejeitando quaisquer contribuições ou doações de fora.
8. MADA deverá manter-se sempre não profissional, embora nossos centros de serviço possam contratar funcionários especializados.
9. MADA jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém criar comitês ou juntas de serviço, diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviço.
10. MADA não opina sobre questões alheias à irmandade, portanto o nome de MADA jamais deverá aparecer em controvérsias públicas.
11. Nossa política de relações públicas baseia-se na atração, não na promoção. Cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, rádio, cinema, televisão ou em outros meios públicos de comunicação.
12. O anonimato é o alicerce espiritual de nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.